

DOMINGO, 3 DE DEZEMBRO DE 2006

# O clube dos cafajestes

FOTOS - BRASÍLIA, 28/11/06 - LULA MARQUES/FOLHA IMAGEM

Bandido federal é ruim de choro. Quando consegue produzi-las, são lágrimas rasas, sem convicção, escancaradamente artificiais. Muito compreensível: no Brasil, pecadores que atuam na divisão dos impunes não são dados à prática do pranto convulsivo. A bandidagem dolarizada sabe que vai rir por último. É natural que tenha o riso fácil. Não é estranhável que seja ruim de choro.

A turma até capricha. Mas não convence, como reafirmou o desempenho no tribunal do ex-deputado federal Hildebrando Paschoal. De repente, o delinqüente que perdeu o mandato parlamentar conquistado pelo PFL do Acre caiu na choradeira. Remorso por ter adubado covas rasas, nos tempos de chefe da PM, com corpos mutilados pela motosserra que pilotava? Nada disso.

Seria medo do inferno, especialmente apavorante para alguém que desfrutou do paraíso no Congresso? Também não. Hildebrando fez essa ligeira escala no vale de lágrimas para jurar-se inocente, conduzido ao calvário por uma trama de inimigos políticos. É choro passageiro. Em pouco tempo, o matador sorrirá em liberdade.



Suassuna comandou a festa animada pela colega Serys, que trocou com a companheira Ideli o abraço da impunidade

Sorrirá como sorriem os três sanguessugas comprovadamente envolvidos na quadrilha das ambulâncias e, ainda assim, absolvidos pela Comissão de Ética do Senado. Durante o curto pesadelo, Ney Suassuna (PMDB-PB), Magno Malta (PR-ES) e Serys Shlessarenko (PT-MT) tiveram seu dia de choro. Agora é a hora da festa.



O espetáculo do corporativismo foi ornamentado pela inventividade do senador Wellington Salgado (PMDB-MG), autor da idéia de castigar com “uma censura verbal” o colega paraibano. “Não faça mais isso, Excelência”, sussurrará a Suassuna algum pai da pátria. E o Poder Legislativo terá provado ao país que sabe ser duro com pecadores domésticos.

Desse grave constrangimento foram poupados a mato-grossense de nome impronunciável e o capixaba de penteado ingovernável. Serys e Malta choraram no inverno. A desforra chegou com o fim da primavera. “Fui vítima de uma trama de inimigos políticos”, Suassuna plagiou Hildebrando, que seria plagiado pelos demais sanguessugas.

Com as variações de praxe. “Tudo foi tramado pelos meus adversários”, recitou Serys Shlessarenko, cujo genro a coça transformou em co-piloto de ambulância superfaturada. Refeita do susto, trocou o abraço dos impunes com a catarinense Ideli Salvatti, um berreiro à procura de uma idéia, além de parceira de emprego e de partido.

O coro dos risonhos vai incorporar dezenas de deputados federais, todos envolvidos na roubalheira consumada ao som de sirenes. Apesar dos esforços profiláticos de parlamentares que prezam a decência, como o mineiro-carioca Fernando Gabeira e o pernambucano Raul Jungmann, este final de legislatura não será entristecido por mais perdas.

Nestes quatro anos, assombraram a Praça dos Três Poderes aparições de mensaleiros, vampiros, sanguessugas, comerciantes de dossiês e outras criaturas do pântano. As bandalheiras são incontáveis. Cassações de mandatos, houve apenas três. Se não houver intervenções cirúrgicas nesse organismo necrosado, o Congresso acabará reduzido a um clube dos cafajestes.